



José Galamba de Oliveira,
presidente do Conselho
de Direção da Associação
Portuguesa de Seguradores (APS)

“Somos um sector importante e relevante na nossa economia”

A desempenhar o cargo de presidente da Associação Portuguesa de Seguradores há cerca de um ano, José Galamba de Oliveira faz uma avaliação positiva do sector. Analisa os desafios que marcam a atualidade e lembra a necessidade dos portugueses readquirirem hábitos de poupança

COMO AVALIA A ATIVIDADE SEGURADORA NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2017? EQUIVALENTE A 2016?

Os dados do primeiro semestre de 2017 mostram um crescimento de cerca de 8% no ramo Não Vida, significando por isso uma ligeira aceleração relativamente aos crescimentos já evidenciados nos dois semestres anteriores, fruto de condições económicas mais favoráveis em Portugal. Já no ramo Vida, neste semestre, assistimos ainda a um decréscimo, embora a ritmos inferiores quando comparado com o período homólogo de 2016, devido

ao ambiente prolongado de baixas taxas de juros, o que tem tornado a oferta de produtos de longoprazo, como os seguros de vida-investimento, pouco atrativa em termos de rentabilidade.

QUE DESAFIOS MARCAM O SETOR? O QUE ESTÁ, OU DEVE, MUDAR NA ATIVIDADE?

Ainda que seja necessário manter o foco na rentabilidade do sector, creio que existe um enorme desafio que é posicionar o sector como um *player* de maior relevo nas áreas da saúde, do complemento das pensões de reforma, e do *long term care*, e na gestão de



grandes catástrofes, em especial das naturais (sismos, inundações). O sector tem, ainda, do ponto de vista técnico/operativo um enorme desafio à sua frente face às exigências regulatórias que se avizinham: o regime de solvência continua a ser muito exigente, mas o sector tem de se ajustar, também, ao novo Regulamento Geral de Protecção de Dados, ao novo regime da distribuição, ao regulamento dos PRIIP, muito complexo de implementar ao nível dos deveres de informação, ao desafio das novas tecnologias, às exigências do novo regime de branqueamento de capitais. Creio, também, que um esforço maior de simplificação e de aproximação aos clientes, ajustando os produtos às suas reais necessidades, é um desafio incontornável.

QUANTO VALE ATUALMENTE O MERCADO SEGURADOR? QUAL A ÁREA MAIS DINÂMICA, RAMO VIDA OU NÃO VIDA?

O mercado segurador vale hoje cerca de 11 mil milhões de euros em termos de produção anual, o que representa cerca de 6% do PIB em Portugal. Esta produção anual divide-se num rácio de 60% por 40% entre os ramos Vida e Não Vida. O sector é o maior investidor institucional nacional. Emprega cerca de 10 mil profissionais, diretamente, interage com uma rede de cerca de 22 mil mediadores e somos parte de um ecossistema que inclui redes de prestadores de serviço que empregam várias dezenas de milhares de trabalhadores. Somos, definitivamente, um sector importante e relevante na nossa economia. Assistimos a uma recuperação da atividade económica em Portugal, com um impacto positivo no cres-

cimento do ramo Não Vida, em especial nos acidentes de trabalho, no automóvel e na saúde. Já o ramo Vida manteve a sua trajetória descendente observada nos dois períodos anteriores, sendo o PPR o produto nesta área com o comportamento mais interessante.

COMO ANALISA O CRESCIMENTO EXPONENCIAL DO SEGMENTO DOS SEGUROS DE SAÚDE NOS ÚLTIMOS ANOS?

Em 2016, prosseguiu a tendência de crescimento observada nos anos anteriores, mas agora com um ritmo mais elevado (+9,6%). Esta evolução tem sido devida a

EM CONTA OS HÁBITOS DE POUPANÇA DOS PORTUGUESES?

Depois de terem registado uma quebra significativa em 2016, as contribuições para os PPR estão a recuperar este ano. Por conseguinte, neste momento assistimos à inversão da tendência que se verificou em 2016, inversão essa que é influenciada pela dinâmica comercial de alguns dos principais *players* do mercado, mas que aproveitará, também, as atuais perspetivas de remuneração de outros produtos de poupança, nalguns casos muito baixas (como nos depósitos a prazo), noutros muito voláteis.

de substituição dos salários por pensões vai, num futuro próximo, ser uma das mais baixas da Europa, podendo nalguns casos não atingir os 30%. Este não é um problema exclusivo de Portugal. Atinge a maior parte dos países da União Europeia, mas é especialmente dramático no nosso país e é agravado pelo facto da taxa de poupança das famílias ser muito baixa, cerca de 4%. Não é por acaso que a Comissão Europeia anunciou, recentemente, e colocou à discussão uma proposta de regulamento que cria um produto europeu de poupança especificamente orientado para a reforma, o denominado PEPP – Pan European Personal Pension Product.

GLOBALMENTE, QUE AVALIAÇÃO FAZ DAS SEGURADORAS NACIONAIS?

Uma avaliação obviamente muito positiva. Têm sabido adaptar-se ao mercado, aos seus novos desafios e às exigências dos consumidores. E em termos de imagem, o sector tem tido, de forma sustentada, um desempenho muito positivo, liderando o Índice Nacional de Satisfação do Cliente no segmento relativo ao sector financeiro, fruto de uma preocupação constante em prestar um serviço de maior qualidade aos seus clientes. Quanto ao futuro, a expectativa é sempre de maior crescimento. Este dependerá, por um lado, do crescimento da economia, mas também por criar nas pessoas e nas empresas uma maior consciência do risco em geral e dos novos riscos em particular, e da necessidade de poupança; e também depende da capacidade dos seguradores em irem ao encontro das reais necessidades dos seus clientes, individuais e empresas, em matéria de proteção.

A SOCIEDADE PORTUGUESA TEM DE TOMAR CONSCIÊNCIA DAS LIMITAÇÕES FUTURAS DO RÉGIME DE PENSÕES DA SEGURANÇA SOCIAL E TEM DE SER DEVIDAMENTE INFORMADA E ESCLARECIDA (...)

um aumento do universo das pessoas seguras, que se estima que atinja já os 2,5 milhões de beneficiários, uma vez que o respetivo prémio médio têm-se mantido relativamente estável. Nos primeiros seis meses de 2017, temos assistido a uma consolidação deste crescimento.

QUE TENDÊNCIAS PREVÊ PARA O SECTOR DOS PPR E OS FUNDOS DE PENSÕES, TENDO

Mas mais importante do que a adesão aos seguros PPR, é que os portugueses adquiram a consciência da importância da poupança individual para a reforma e adquiram, novamente, hábitos de poupança. A sociedade portuguesa tem de tomar consciência das limitações futuras do regime de pensões da segurança social e tem de ser devidamente informada e esclarecida de que a taxa